

De sobreviventes a construtores: uma longa jornada

Andrey Vilas Boas de Freitas⁹¹

1. Introdução

Há duas formas de viver a vida: uma é típica dos sobreviventes e está baseada na idéia de reagir de forma eficiente ao ambiente à sua volta, procurando sempre ter a melhor resposta ao desafio apresentado; a outra é característica dos construtores, que imaginam a realidade que desejam e mobilizam os recursos e os esforços necessários para fazer essa realidade surgir.

Nós, brasileiros, somos e sempre fomos sobreviventes. Para alguns isso pode parecer um auto-elogio. Não é. Não somos sobreviventes porque temos carências de recursos naturais; não somos sobreviventes porque nos falta criatividade e capacidade intelectual para pensar no novo – nossos carnavais são a prova disso. Somos sobreviventes porque escolhemos há muito tempo sermos assim e continuamos mantendo essa escolha.

Escolhemos ser sobreviventes em diversos momentos da nossa história. Não lutamos de verdade por nossa independência, libertamos nossos escravos no apagar das luzes da escravidão, trocamos nossa monarquia por uma república que é menos democrática em vários aspectos do que o governo de D. Pedro II.

Levamos quase meio século para igualarmos em anos os períodos de governo democrático e de ditadura em nosso regime republicano. Vivemos a era da informação com um dos piores sistemas educacionais do mundo, mesmo se comparado a outros países no mesmo nível de desenvolvimento que o nosso. Aceitamos a corrupção como parte integrante e funcional de nosso sistema político, mesmo quando a imprensa apresenta fatos estarrecedores.

De onde vem a corrupção instalada em nossa sociedade? Da nossa formação histórica e cultural? De uma elite que impõe valores distorcidos ao resto da população? Quem é mais desonesto: o político que desvia verba de programas públicos para o seu bolso ou o morador do subúrbio que faz um "gato" na rede de energia elétrica? Fome, frio, desemprego justificam o roubo? Deveriam justificar? E cobiça? Preguiça é um delito menos grave que inveja? Ambição é um motivador para o sucesso? Ela deve ter limites? Se deve, até onde ela deve ir? Se não, vale qualquer coisa? O que esperar de nosso futuro nessas condições? Continuaremos a ser sobreviventes? Ou será que temos chance de tentarmos nos tornar construtores?

Alguns podem perguntar: “por que mudar? Por que deixarmos de ser sobreviventes e nos tornarmos construtores?”. A resposta é que vivemos em um mundo que se tornou cada vez mais próximo, cada vez mais rápido, cada vez mais desafiador para a inventividade humana. Chegamos ao espaço, desenvolvemos formas de nos comunicarmos instantaneamente mesmo a quilômetros de distância, criamos instrumentos para aniquilarmos nossos adversários (e a nós mesmos) milhares de vezes. Estamos a um passo de efetivamente criarmos outras vidas, sejam artificiais, sejam semelhantes a nós mesmos.

⁹¹ O autor é economista, graduado pela Unicamp, mestre em Administração Pública pela Universidade de Brasília (UnB), servidor público federal da carreira de gestores governamentais desde 1996 e aluno do primeiro semestre do curso de Direito do Centro Universitário Padre Anchieta.

E é nesse ponto – quando nossa inventividade nos levou a sermos capazes de criar tudo que desejamos – que nos deparamos com a questão de deixarmos de ser sobreviventes e nos tornarmos definitivamente construtores. Vivemos um momento de decisão como talvez nunca tenhamos enfrentado antes, pois agora o que encaramos são os resultados de nossas escolhas. Não é mais a natureza à nossa volta que nos oprime e nos mantém encolhidos em nossas cavernas, mas nossas próprias criações. Nosso desafio não é mais o desconhecido, mas o conhecido. Como lidar com a sociedade que construímos, que isola e exclui os indivíduos? Como lidar com nossa força produtiva, que consome recursos sem se preocupar com sua reposição? Como enfrentar a crescente intolerância que surgiu com a maior proximidade física e material entre povos e culturas diferentes?

A resposta é tão simples quanto complexa, por mais paradoxal que isso possa parecer. É preciso aprender a sonhar. Não sonhos de conquista, mas sonhos de grandeza. É preciso descobrir o caminho dos construtores, mesmo que para isso o novo deva ser construído sobre a implosão do que já temos.

Este texto se propõe a discutir o novo, a balançar a árvore tentando derrubar os macacos. Queremos deixar de ser coletores do possível, sobreviventes num abismo que nos separa entre “nós” e “eles” – sem que saibamos ao certo quem são “eles”. Nossa luta é para encontrar um novo caminho, no qual possamos construir o amanhã a partir de agora.

2. Um novo olhar

Nosso corpo é uma máquina perfeita. Graças a ele, somos capazes de realizar atividades tão diferentes quanto respirar, falar, andar e pensar ao mesmo tempo. É uma máquina tão precisa que estrutura até rotinas de apoio às nossas atividades principais.

Se tivéssemos que pensar sobre todas as funções do nosso corpo, provavelmente não seríamos capazes nem de abrir os olhos ao mesmo tempo que respiramos. Para nos ajudar, nosso cérebro “delega” algumas funções para áreas menos nobres do nosso sistema nervoso, deixando os neurônios para atividades complexas como responder à pergunta “Querido, eu engordei?”. Enquanto o cara sua frio tentando decidir qual a melhor rota de fuga nessa situação, seu coração continua batendo, seus olhos piscam, seus pulmões respiram, sem que ele sequer esteja consciente disso. Ele só consegue fazer tudo isso porque nosso cérebro se concentra naquilo que é mais importante e transforma em rotina secundária as atividades de “apoio” ou “manutenção”.

O problema é que nosso cérebro faz isso também com as nossas escolhas. Se escolhemos dar importância a algumas coisas e não a outras, nosso cérebro vai registrar conscientemente os fatos importantes e deletar ou ignorar aquilo que consideramos bobagem. Com o tempo, nem enxergamos mais conscientemente certas coisas.

Nossas escolhas determinam o que vemos e o que não vemos, o que ouvimos e o que não ouvimos e nosso cérebro grava essa seleção. Depois, repete infinitamente, até que sejamos capazes de mudar essa seleção. E será que somos, depois de muitos anos? Talvez.⁹²

Exemplo: qual a cor dos olhos da faxineira que limpa o escritório onde você trabalha? Para quem respondeu “que faxineira?” uma dica: gnomos não limpam escritórios.

⁹² Existe um filme muito interessante sobre o tema: “Click”, com Adam Sandler.

Nosso primeiro esforço para que possamos nos tornar construtores é mudar nossa forma de olhar a realidade. Temos que alterar nossas escolhas, redefinir os itens que são considerados importantes e redescobrir nossa capacidade de ver o mundo.

Para tanto, tem que haver uma limpeza da mente. Um *reset* em nossos julgamentos, uma tentativa honesta de reformatar nossos conceitos e aprender de forma diferente. Podemos começar reparando na cor dos olhos da faxineira, descobrindo o nome da esposa daquele colega de trabalho com quem nunca falamos, prestando atenção ao som que um beijo na bochecha de nossas mães faz, comendo pizza de um sabor que nunca comemos antes.

Em vez de uma pausa para o café, fuja todos para a rua, para olharmos o céu. O caminho dos construtores exige a capacidade de imaginar o novo, pensar respostas diferentes para os mesmos problemas. Temos que aprender tudo novamente, como uma criança e seus porquês. Afinal, se o mundo muda, se as nossas relações mudam, se até nosso corpo muda com o passar dos anos, não dá para imaginar que vamos continuar aprendendo sempre do mesmo jeito durante toda nossa vida.

Será que esse processo de mudança na forma de aprender acaba um dia? Será que precisamos encontrar sempre um modo mais competente de analisar a realidade à nossa volta? Será que existe um limite para nossa evolução? Se existir, esse limite é determinado pelo quê? Pelo nosso talento, pelas nossas limitações físicas e mentais, pela nossa fé, pela nossa criatividade?

É difícil olhar e, ao mesmo tempo, identificar os filtros que usamos para escolher o que vemos. Especialmente quando a imprensa coloca filtros em nosso acesso à informação. Será que nossos filtros são escolhas nossas ou nos foram impostos por diversos "alguéns"? Será que, se ganharmos amanhã uma fortuna como herança de uma tia desconhecida, vamos olhar os delitos da mesma forma? Será que vamos achar absurda a desigualdade social? Será que podemos criticar quem nasceu rico, muito rico, numa realidade totalmente diferente da maioria? O indivíduo que nunca andou de ônibus pode entender o que significa para a população uma greve nos sistemas públicos de transporte? Tirando, claro, o fato de que o motorista dele vai gastar mais tempo para levá-lo ao colégio ou ao trabalho.

Quem está certo? Aquele que trabalha de forma honesta, mas em causa própria, ou aquele que trabalha de forma honesta pensando no benefício da coletividade? Egoísmo é a mesma coisa quando não temos nada para dividir e quando somos os mais ricos de todos? E humildade?

A resposta para essas perguntas está no individualismo. Ele condiciona a maioria (se não forem todos) os filtros que temos em nosso modo de ver o mundo. É o individualismo que nos faz sermos egoístas, corruptos, violentos, degradarmos o meio ambiente, desprezarmos os que são diferentes de nós.

Alguns podem dizer que o individualismo também nos faz ser ambiciosos e, quando estamos insatisfeitos com alguma coisa, nos faz buscar caminhos alternativos que levam à evolução. Essa é uma resposta que parece problemática desde a sua origem, porque parte de uma premissa ruim: a de que pensar em si mesmo é mais importante que pensar nos outros.

O individualismo fez com que toda a evolução que tivemos até agora em termos tecnológicos, políticos e econômicos nos tornasse mais frios, mais distantes uns dos outros, piores como sociedade. É por isso que agora temos tanta preocupação com o social (temos mesmo?). Uma sociedade equilibrada precisaria de programas de transferência de

renda como o Bolsa Família? Ou de cotas nas universidades? Ou de filas de espera de 6 meses por uma consulta nos hospitais públicos?

A solução passa por um novo olhar. Um olhar que parte da premissa de que tudo – sem exceções – está conectado. Nossos pensamentos, nossas ações, nossas decisões SEMPRE afetam o mundo à nossa volta, mesmo que não tenhamos consciência disso. E se escolhemos mal, pior para todo mundo.

Mas o que é escolher mal? É priorizar a si mesmo em detrimento de todo o resto. Amar a si mesmo não pode significar escolher só o que é melhor para si mesmo, ou então não somos uma sociedade de fato, mas apenas um amontoado de indivíduos.

Temos que parar de acreditar em competição e passar a trabalhar com cooperação, que permita o pleno desenvolvimento do ser humano. Como fazemos isso? Cativando os outros! Trabalhando para romper as desconfianças, construindo pontes em vez de muros. Não se trata de caridade esporádica, nem freqüente, mas sim de mudança radical de padrões.

Nosso comportamento deve abraçar todo mundo. O garoto rico que é abandonado pelos pais em seu castelo e que cresce sem qualquer referência de comportamento sadio merece menos nossa atenção que o menino da favela que também não tem referências? Por quê? Quem disse que as posses materiais devem diferenciar quem está bem e quem está mal na sociedade? Os ricos que se virem e os pobres merecem auxílio? Esse raciocínio, por si só, afasta os ricos dos pobres. Somos todos iguais, somos todos irmãos, é isso o que dizem todas as religiões sérias do mundo. Nenhuma religião prega a violência, a discriminação ou a segregação como resposta. Isso é resultado da nossa interpretação individualista, mesquinha e egoísta.

O mundo mudou tanto e ainda enfrentamos os mesmos dilemas que os egípcios, os gregos e os romanos discutiam. Quando é que vamos abrir os olhos (as portas da alma) e vemos que está tudo muito errado? Enquanto houver seres humanos morrendo de fome, está errado. Enquanto houver seres humanos morrendo de doenças para as quais já temos remédios, está errado. Enquanto for mais importante nosso consumo imediato do que a sobrevivência do planeta, está errado. Enquanto acharmos que podemos progredir independentemente uns dos outros, está errado.

E como fazemos ficar certo? Mudando a forma como tomamos decisões, individual e coletivamente. Cativar os outros. Essa é a resposta. Mas é preciso lembrar da raposa, em *O Pequeno Príncipe*: cativar traz consigo responsabilidade. Cativar faz com que tenhamos que cuidar. E quando nos preocupamos em cuidar daqueles que cativamos, não temos tempo de pensar em nossos próprios umbigos. Talvez aí possamos mudar o mundo.

3. A busca do caminho do Bem: o bem comum⁹³

Pensar nos outros nos faz imaginar as maneiras de trilharmos o caminho do Bem. Mas para tratar do tema devidamente, é necessário pensar sobre o que é o Bem.

Há quem ache que Bem é aquilo que é bom para ele como indivíduo, não importando os demais indivíduos. É o caso do sujeito que fura fila. Há quem ache que Bem é aquilo que é bom para ele desde que não prejudique os demais. O exemplo para isso é a

⁹³ O conceito de bem comum aqui utilizado é o mesmo apresentado por Dalmo de Abreu Dallari em sua obra *Elementos da Teoria Geral do Estado*.

idéia de furar o sinal vermelho num lugar deserto, de madrugada, onde corre-se o risco de ser assaltado. Há quem ache que Bem é aquilo que beneficia a todos, ele inclusive. O melhor exemplo parece ser a reciclagem de lixo.

Essas três opções revelam uma evolução natural do ser humano, do nascimento à maturidade:

- a) quando nascemos, temos dificuldade até para termos uma consciência do que somos nós e do que é a nossa mãe. Com o passar dos meses, aprendemos o que somos nós (física e emocionalmente) e o que é o resto do mundo. Até uns 7 anos de idade, nossa idéia de Bem é aquela primeira: é Bem o que for bom para mim;
- b) no final da infância, mas principalmente na adolescência, construímos nossa noção de socialização. Aprendemos a respeitar direitos alheios, descobrimos diferenças físicas e emocionais em pessoas próximas a nós, começamos a conhecer nossos limites e as conseqüências de nossas ações. O Bem é o que for bom para mim e não prejudicar os outros;
- c) quando chegamos à fase adulta, nossa consciência é plena, sabemos que nossos atos afetam o mundo ao nosso redor. Por isso, pensamos no Bem como aquilo que é bom para todos: família, colegas de profissão e outros grupos sociais de que participamos. Quanto mais velhos ficamos, mais nos preocupamos com nosso legado para as gerações futuras.

Mas se é assim, por que não somos todos iguais? Por que alguns de nós pensam da primeira forma, outros pensam da segunda forma e outros pensam da terceira? A resposta é educação. Não só educação formal, obtida nos bancos escolares, mas todo o conjunto de experiências que ocorreram na família, nos grupos de amigos, no trabalho, nos relacionamentos amorosos.

Essa mistura faz com que alguns indivíduos pensem como se ainda fossem crianças e queiram apenas a realização das suas vontades (eles até mentem como crianças, inventando estórias absurdas com bois de ouro e ignorância absoluta).

Outros indivíduos (e acho que a maioria de nós está aqui) vivem a vida tentando obter o melhor para si mesmos e não prejudicar os demais. Enxergam problemas, até reclamam deles, mas não modificam sua situação de conforto (churrasco no fim de semana, por exemplo) para lidar com problemas que não os toquem diretamente. "Eu não concordo e não ajudo a criar esses problemas, isso já é muito".

E há alguns, que normalmente lideram as grandes mudanças na História, que pensam no mundo todo. Gente como Mandela, Gandhi, Churchill e diversos ambientalistas que procuraram conscientizar o mundo da necessidade de mudar nossa forma de produzir e distribuir riqueza globalmente.

Esse raciocínio também pode ser aplicado a países:

- a) quando surge um país, é natural que ele se proteja do mundo exterior, seja em termos militares – protegendo seu território e seu povo –, seja em termos sociais e econômicos. Não há qualquer preocupação a não ser com o bem-estar nacional, não importa qual o custo disso para outros países. A idéia de Bem é aquela primeira: é Bem o que for bom para o país;
- b) quando o país começa a se desenvolver, começa a surgir a necessidade de se relacionar com outros países. O primeiro passo nesse sentido é dado por meio do comércio, que busca atender às necessidades nacionais pela troca com ou-

tros países. O intercâmbio comercial permite, então, perceber as diferenças lingüísticas, sociais, econômicas, jurídicas. O país começa a se dar conta de que se prejudicar outros sofrerá retaliações que afetarão seu bem-estar. Essas retaliações podem, inclusive, ser de cunho militar, o que pode afetar drasticamente a soberania daquele país. Por isso, o Bem é o que for bom para o país e não prejudicar os outros;

- c) quando o país completa seu desenvolvimento e sua sociedade atinge a maturidade, ele começa a se preocupar em como seus atos afetam o mundo e como isso tem impactos no futuro. Sua participação em fóruns internacionais muda: as questões tratadas ainda buscam o bem-estar de sua população, mas esse país agora se preocupa com outros. Surgem debates sobre direitos humanos em outros continentes, preservação do meio ambiente, integração cultural com países semelhantes e com histórias parecidas. O Bem é aquilo que é bom para todos, até porque disso depende a influência política do país no cenário internacional.

Mas se é assim, por que nem todos os países são iguais? Por que alguns pensam da primeira forma, outros pensam da segunda forma e outros pensam da terceira? A resposta está na evolução de cada um. Aqueles que trataram das questões básicas como saúde, segurança e educação nos primeiros anos podem se dedicar a questões mais complexas como desenvolvimento tecnológico, preservação ambiental e proteção aos direitos humanos em escala global. Aqueles que perderam algum desses pontos em sua evolução têm que lidar com questões básicas e questões complexas ao mesmo tempo, com as dificuldades óbvias em função da restrição de recursos e com o acúmulo de demandas de sua população.

Essa mistura faz com que esses países ajam como se ainda fossem países recém-criados: se fecham para o mundo, criam ilusões de grandeza a respeito de seu papel no cenário internacional e ocasionalmente chamam a atenção de outros países, seja por calamidades naturais, crimes hediondos ou mesmo por bravatas de natureza bélica. Alguns até são invadidos em nome de um "bem maior"...

Como achar o caminho do Bem? Aliás qual é o caminho do Bem? Num mundo globalizado, o caminho do Bem exige que nossas escolhas sejam, cada vez mais, direcionadas para o bem comum, para o bem-estar coletivo. Estamos todos interligados e só podemos avançar se todos crescermos juntos. Mas para isso, temos que tirar de nossa consciência a idéia de competir em tudo, a inveja pelo sucesso alheio e, principalmente, aquele sentimento mesquinho de que merecemos algo mais do que os outros. Se pensarmos sempre no coletivo quando tomarmos nossas decisões, nossos atos serão melhores. Jogaremos um jogo em que todos ganham, em vez de jogarmos um jogo em que muitos perdem para alguns ganharem.

Entretanto, diferentemente dos indivíduos, os países necessitam de mais tempo e de mais esforço para mudarem suas consciências e suas ações. É difícil recuperar décadas de atraso e trabalhar ativamente na construção de uma nova realidade. A solidariedade entre países ainda é mais precária do que a solidariedade entre os indivíduos.

Não há como obrigarmos os indivíduos a se comportarem dessa forma. Nem a lei consegue isso, e as sanções que enchem presídios revelam que há algo de errado quando a população carcerária é maior que a da maioria dos municípios brasileiros. Não há como obrigarmos países a se comportarem de certa forma. Os Estados Unidos se recusaram a assinar diversos tratados de proteção ambiental. A Europa trabalha para integrar seus membros, mas rejeita estrangeiros, mesmo aqueles vindos de suas ex-colônias. Ainda buscamos a guerra como solução para os conflitos. Como mudamos isso?

Temos que educar nós mesmos para que trabalhemos nossa consciência. Temos que acreditar de verdade que somos todos iguais – isso significa que temos que oferecer oportunidades de desenvolvimento para todos, europeus e africanos, chineses e americanos, brasileiros e bolivianos. E temos que combater tudo aquilo em nós que nos leva a não olhar para os outros antes de escolhermos qualquer coisa.

4. Educação: transformando a idéia de bem comum em oportunidades

É muito comum ouvirmos que educação muda a vida das pessoas, abre novas oportunidades, etc. Isso é sempre verdade? Eu diria que depende do que estamos falando.

Quando falamos de educação, estamos nos referindo ao conjunto de valores que recebemos da família? Se for isso, então a desestruturação familiar pode afetar nosso acesso à educação e comprometer nosso desenvolvimento como seres humanos e como profissionais.

Ou será que educação é o que aprendemos todos os dias com a vida? Se for isso, qualquer experiência nos ensina, mas o que aprendemos depende de como olhamos para aquelas experiências. Fome pode ser um incentivo ao roubo, mas também pode ser um incentivo para lutarmos por uma vida melhor de forma honesta.

Será que educação é o que aprendemos nos sistemas de ensino formais, sejam eles públicos ou particulares? Se for isso, aí temos alguns problemas. Primeiramente, só aprendemos valores nas escolas até os primeiros anos do jardim de infância. A partir do ensino fundamental, há uma concentração do ensino em aspectos técnicos (leitura, matemática, física, etc.). A socialização ocorrida nesse período é importante, mas perdemos aquelas atividades que nos fazem amar nossa pátria, nossa cidade, nossa comunidade. Quantas escolas realizam atividades que integrem seus alunos e funcionários à comunidade da qual fazem parte? Isso é tão raro que os poucos que fazem são premiados.

Em segundo lugar, é preciso discutir a qualidade do ensino. Se aprender só itens técnicos é ruim, aprender de forma precária é pior ainda. Fizemos um grande esforço nos últimos anos para ampliar o número de vagas nas escolas públicas – e isso é importantíssimo – mas não fomos capazes de manter a qualidade do ensino.

O que afeta a qualidade do ensino? Pesquisas do Ministério da Educação (MEC) e de diferentes universidades apontam que são vários os fatores que afetam a qualidade do ensino: estrutura física das escolas, capacitação dos professores, saúde dos alunos, material didático utilizado, pais que valorizam a educação, distância entre a escola e a casa dos alunos, dentre outros.⁹⁴ Como lidar com esse monte de variáveis? Só tem um jeito: atacando todas.

Há escolas no País que são apenas um telhado de zinco puxado do bar local com uns bancos de madeira embaixo (não é força de expressão, é verdade mesmo); há professores que não têm qualificação para ministrar as aulas e nem opções de capacitação próximas ou num custo que lhes permita melhorar seu nível técnico; há alunos que só comem quando há merenda na escola; há alunos que são retirados da escola porque são usados pelos pais como mão-de-obra na lavoura familiar que sustenta a todos.

⁹⁴ Sobre o assunto, consultar a página do INEP (www.inep.gov.br). Lá estão não apenas as estatísticas educacionais coletadas pelo Censo Escolar, mas também o resultado das avaliações realizadas pelo MEC em todos os níveis de ensino.

Felizmente, há esforços de melhoria do material didático utilizado, ainda que existam muitas dificuldades em sua regionalização. Um exemplo? Falar em alface para uma criança da região amazônica é como falar de neve para alguém do sertão do Piauí: está completamente fora de sua realidade. Se não há essa relação com a realidade, o aluno tem mais dificuldades de aprender o que está sendo ensinado.

Na verdade, educação é isso tudo: o que aprendemos da família, da vida (vida pode ser substituída por sociedade, dá na mesma) e nos sistemas de ensino. Qual o resultado? Se viemos de uma família bem estruturada, estudamos em escolas particulares (ou mesmo em algumas escolas públicas que são excelentes) e vivemos experiências que abrem nossa mente e nosso coração, temos todas as chances de sermos tudo que podemos e queremos ser. Por outro lado, se perdemos qualquer um desses elementos, nossas oportunidades se reduzem e, provavelmente, se reduzem também as oportunidades de nossos descendentes.

Qual o papel do Estado nisso tudo? Garantir que vamos ter oportunidades parecidas – já que iguais é impossível (as famílias não são iguais, nem nossas experiências pessoais ou escolares). Sem isso, falar em democracia é mesmo uma grande hipocrisia.

O Estado pode proteger as famílias, combatendo a violência doméstica, criando oportunidades de emprego para que os adultos sustentem a casa e as crianças possam estudar e oferecendo oportunidades educacionais para que todas as pessoas, de qualquer idade, possam obter conhecimentos.

E nós? Nós podemos nos engajar em projetos que ofereçam oportunidades para quem precisa, seja um aluno que não aprendeu a ler no momento certo, seja um estudante que não conhece uma realidade social diferente da sua.

5. Conclusões?

Não há solução enquanto pensarmos que POVO é só quem é miserável, pobre, morto de fome. Não há solução enquanto pensarmos que POVO é analfabeto, burro, incapaz de tomar decisões. Não há solução enquanto pensarmos que POVO não inclui as chamadas "elites" nacionais, seja qual for a natureza dessas elites (social, econômica, intelectual ou política). Não há solução enquanto não voltarmos a acreditar que POVO somos todos nós.

Somos todos parte de uma coisa só. Estamos todos integrados e nossas ações se refletem mutuamente uns nos outros, como blocos de concreto criando ondas infinitas em um lago. O menor bater de asas que um de nós produzir pode se transformar em um furacão, se encontrar as condições certas de propagação. Somos todos POVO e é nossa responsabilidade – de todos nós – a forma como se usa o poder nesse país.

Nossa consciência tem que ser incluyente. O poder usado em nosso nome deve beneficiar a todos. Temos que parar de lutar só pelos direitos do nosso “grupinho” e olharmos de forma mais abrangente para a realidade. Temos que lutar pelo que é certo sempre, ainda que isso não nos beneficie diretamente em alguns momentos.

Não podemos aceitar mais uma elite intelectual que não lute diariamente por educação de qualidade para todos. Pesquisas recentes demonstram que nossos melhores alunos terminam o ensino médio com habilidades de leitura que, na média, deveriam ter no final do ensino fundamental. Alguns deles lêem no final do ensino médio da mesma forma que um aluno da quarta série do ensino fundamental. Essas pessoas não vão saber analisar

um contrato de trabalho e vão ter condições precárias de seguir instruções para darem um medicamento para seus filhos. Que sociedade é essa, pelamordedeus?

Não podemos aceitar mais uma elite econômica que vive em casas que poderiam ser estádios de futebol e que reclama da proximidade dos barracos da favela. Desigualdade econômica é um dos principais elementos que fortalecem a criminalidade e que fornecem soldados desesperados para chefes do crime organizado. Temos que lutar contra os privilégios que excluem a maior parte da população de condições mínimas de vida, como habitação, saneamento básico, emprego e transporte dignos.

Não podemos mais aceitar mais uma elite social que acha que é bonito defender interesses particulares, dos amigos, acima dos interesses da sociedade. Temos que aplaudir as qualidades das pessoas, mesmo que elas não façam parte do nosso círculo de amizades. Temos que voltar a acreditar que o trabalho é fonte de riqueza, não o apadrinhamento. Precisamos de mais suor e de menos trocas de cartões.

Como fazemos isso? Mudando nosso olhar. Sendo radicais contra as injustiças. Já disseram que o mais assustador não é a arrogância, a cretinice ou a violência dos maus, mas o silêncio dos bons (não foi com essas palavras, mas era esse o sentido). Chega de nos calarmos perante as injustiças, quaisquer que sejam elas. Das maiores às menores.

Chega de achar que não dá para fazer nada. Dá sim. Dá para se filiar a um partido político e tentar mudá-lo por dentro, mesmo que seja na cidade onde vivemos. Dá para exigir que o condomínio onde moramos adote práticas que protegem o meio ambiente. Dá para escrever periodicamente para os senadores e deputados, para os prefeitos e governadores e até para o Presidente da República exigindo aquilo que achamos que é correto. Dá para criar fóruns que discutam os problemas da sociedade em diversas associações de bairro, clubes e comunidades de todos os níveis sociais, desde que façam as pessoas refletirem sobre seus comportamentos.

É hora de retomar o poder. É hora de fazer com que o poder volte a ser exercido em nosso nome. Não é preciso pegar em armas para isso. Basta bater as asas. E espalhar os furacões.

Referências

Boff, Leonardo . *Saber Cuidar* . São Paulo, Vozes, 1999, 1ª edição

Boff, Leonardo . *A águia e a galinha – uma metáfora da condição humana* . São Paulo, Vozes, 2002, 38ª edição

Dallari, Dalmo . *Elementos de Teoria Geral do Estado* . São Paulo, Saraiva, 1995, 19ª edição.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira .
www.inep.gov.br

Saint-Exupery, Antoine de . *O Pequeno Príncipe* . São Paulo, Agir, 2006, 48ª edição.